

# Em *Retábulo*, Miguel Castro Caldas põe-nos a duvidar daquilo que vemos

Gonçalo Frota

**A partir de Cervantes, o autor e encenador cria uma situação em que o teatro é um ampliado lugar de sugestão. No São Luiz**

No entremez *O Retábulo das Maravilhas*, Miguel de Cervantes punha Chanfalha e Chirinos, marido e mulher, a chegarem a uma pequena aldeia espanhola com o seu espectáculo que tinha lugar num retábulo. Chanfalha e Chirinos ganhavam a vida a enganar os habitantes das terras por onde passavam explorando a sua vaidade e a ingenuidade: só aqueles que levassem uma vida impoluta e virtuosa conseguiriam ver aquilo que era representado. Como ninguém queria dar parte de fraco e sofrer uma humilhação social, e todos assumiam que os restantes viam alguma coisa no nada que de facto os saltimbancos mostravam, as bocas fechavam-se e não admitiam que, aos seus olhos, não havia mais do que um retábulo.

É daqui que parte *Retábulo*, texto e encenação de Miguel Castro Caldas, em cena no Teatro São Luiz, em Lisboa, de hoje até 24 de Março. “O entremez de Cervantes, uma peça curta, cômica”, diz o autor ao PÚBLICO, “é uma variação de ‘o rei vai nu’, em que um casal de saltimbancos apresenta um espectáculo em que não acontece nada, é um palco vazio,

mas, como ninguém quer reconhecer as suas falhas morais, todos fingem ver, descrevendo até em voz alta aquilo que lhes é sugerido”.

A essa referência distante, do século XVII, Castro Caldas juntou outra, bem mais próxima, quando “um performer que descreve situações que não estão em palco” se pode parecer com algumas criações de teatro contemporâneo – e dá como exemplo *Truth's a Dog Must to Kennel*, que Tim Crouch apresentou em 2022 no Teatro do Bairro Alto, em que o criador inglês se apresentava com óculos de realidade virtual e conduzia o público por aquilo que via através apenas da linguagem. Isto levou o autor a pensar no “teatro como lugar da sugestão”.

Com estas duas referências em mente, Miguel Castro Caldas escreveu um texto que depende de uma suposta participação do público. Mas não escapará aos frequentadores habituais de teatro, num primeiro momento, que a espectadora convidada a juntar-se no palco a Vera (Teresa Coutinho), a apresentadora que promete à assistência “uma experiência intensa, um assombro ou uma sintonia cósmica”, é uma actriz (Mónica Garnel). Não é propriamente um segredo e é desta “espectadora”, Martinique, que o espectáculo depende. Porque depois de avisado o público de que nem todos conseguirão ver o que se irá passar durante a hora seguinte, e questionando se é democrático um espectáculo só para



**Retábulo, uma provocação levada muito a sério sobre aquilo que o espectador (não) vê**

alguns, a apresentadora lembra que “todos vêm, mas nem todos vêem”.

E é então que começa a provocação. Ao abrir-se uma porta, Martinique ver-se-á diante de Armando (Américo Silva), um homem do seu passado. Incrédula perante o que lhe está a acontecer, Martinique pergunta-se se Armando será mesmo real, se estará mesmo ali – como virá também a fazer mais tarde com Fontana (Pedro Gil), o seu marido, surgido também da mesma porta. E, juntando estas várias camadas, deixamos de

saber quem fantasia ou imagina o quê. Armando pode ser o colega de Vera que, com a música, ajuda a manipular a espectadora; Fontana pode ser produto apenas da imaginação de Martinique, que projecta naquele palco as suas dúvidas conjugais; Martinique pode estar a reviver um episódio traumático, numa espécie de psicodrama. Mas se assim for, se Fontana for uma projecção de Martinique, por que raio será ele visível para o público do São Luiz?

**Ver ou não ver**

Se Tim Crouch foi motivo de reflexão sobre os paralelos que Castro Caldas podia estabelecer com o teatro contemporâneo, essa ligação agrada-lhe

também por querer reflectir sobre “que público seria o do *Retábulo das Maravilhas* hoje em dia”. E uma das hipóteses, admite, seria a de um público que, confrontado com espectáculos complexos (sob algum aspecto), não quer admitir que não entende, que aprecia ou não aprecia aquilo a que assiste. Pela mesma razão do julgamento social, de não fazer parte de um coro que eleva ou minoriza determinado espectáculo ou artista. “Essa também é uma reflexão que esteve no início”, diz Castro Caldas, “à volta de tudo isto que é levado muito a sério, a ponto de uma pessoa ter medo de dizer que não percebeu ou que não gostou, dependendo das pessoas com quem estiver”.

Para Castro Caldas, *Retábulo* comporta também “uma dimensão religiosa”, no sentido em que “toca na questão da fé”. “Quando uma pessoa se diz crente, é muito fácil perguntarmos como pode acreditar em algo que não existe. Mas como é que eu posso saber que não existe?” E nem tudo aquilo que vemos ou pensamos ver é, por outro lado, real. E pergunta Castro Caldas: “Se há a questão da fé, em acreditar naquilo que não se vê, também podemos perguntar como é que não se acredita naquilo que existe mesmo.”

É pouco provável que, como vemos na peça, um protector solar cure uma dor de cabeça. Mas, e se a dor desaparecer? Quem é que imaginou o quê?

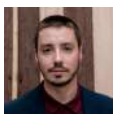
# "Retábulo": e se descobríssemos em palco o que outros podem não ter visto?

[observador.pt/2024/03/12/retabulo-e-se-descobrissemos-em-palco-o-que-outros-podem-nao-ter-visto/](https://observador.pt/2024/03/12/retabulo-e-se-descobrissemos-em-palco-o-que-outros-podem-nao-ter-visto/)

- [Cultura](#) /
- [Teatro](#)

## Ativar alertas

Na nova peça de Miguel Castro Caldas, aborda-se uma noção filosófica sobre que é ou não visível aos nossos olhos, em palco ou no dia-a-dia. Em estreia esta quarta-feira no teatro São Luiz, em Lisboa.



[Ricardo Ramos Gonçalves](#)

## Texto

12 mar. 2024, 16:29

## Oferecer



▲ Pedro Gil e Teresa Coutinho fazem parte do elenco do espectáculo, que integra também Mónica Garnel e Américo Silva  
Estelle Valente/Teatro São Luiz

**Instale a App do Observador**

A nossa aplicação está disponível gratuitamente para iPhone, iPad, Apple Watch e Android.

### Instalar

Afinal de contas, o que é que vemos realmente em palco quando assistimos a um espetáculo? Será que vimos tudo o que nos foi mostrado? E será que tudo aquilo a que assistimos é real, mesmo sabendo que se trata de uma peça, escrita e encenada com esse efeito consciente de que o que vemos é apenas um simulacro? Podemos sempre colocar estas questões quando nos sentamos na plateia de um teatro. E perante todas estas, podemos sempre ficar na dúvida se vimos realmente aquilo que outro espetador, sentado ao nosso lado, viu. Em *Retábulo*, a nova peça de Miguel Castro Caldas, somos justamente confrontados com estas interrogações, num jogo entre aquilo que é visível e invisível aos nossos olhos. A criação estreia-se esta quarta-feira, dia 13 de março, no Teatro São Luiz, em Lisboa.

A premissa colocada pelo dramaturgo é milenar e reporta a uma cultura (expressivamente visual) sobre o poder de clarividência de uns perante os outros. Está bem presente desde logo na religião e na fé: “No cristianismo existe esta ideia de que há um homem, Jesus Cristo, que morre desaparece e que depois volta a aparecer, mas só perante alguns que têm a possibilidade de o ver”, explica Miguel Castro Caldas. Depois disso, acrescenta-se, “é tudo uma questão de fé”. Mas podemos ir para lá da religião: tanto no quotidiano, como em muitas formas de expressão artística, facilmente entramos nesta disputa entre o que vemos e aquilo que só os outros veem.

Regressamos ao palco: num cenário aberto, com três plateias – e diferentes perspetivas do que se vai desenrolar – encontramos um retábulo. A estrutura em madeira (curiosamente muito ligada às igrejas) tem uma porta sem fundo. Ao longo de toda a peça, irá funcionar como um portal, como mecanismo de entrada e saída para diferentes contextos narrativos. Vera (interpretada por Teresa Coutinho) apresenta o espetáculo ao público e deixa o mote: “Nem toda a gente vai conseguir ver o que se vai passar aqui”. Apenas as pessoas legítimas, como Martinique (Mónica Garnel), a personagem que entra em cena, podem ter essa possibilidade.

PUB



Estelle Valente/Teatro São Luis

## Subscreva os nossos podcasts

---

Debates, comentários, entrevistas, música. Ouça os podcasts do Observador onde e quando quiser.

## Subscrever

Do retábulo surge o elemento disruptivo: Armando (Américo Silva), um antigo namorado de Martinique, aparece e convida-a para deixar a vida que tem com o seu marido Fontana (Pedro Gil). A partir deste momento, toda a trama se gera entre os três e Vera mantém-se, de fora, como elemento marginal, mas em aparente controlo das diferentes situações que sucedem. No desenrolar, debatem-se escolhas de vida, a possibilidade de ainda se poder mudar o curso dos acontecimentos e a importância da nossa curiosidade, enquanto humanos, de ver para lá do que surge diante dos nossos olhos.

## **Um retábulo inspirado em Cervantes**

---

Em diálogo com esta farsa teatral de Miguel Castro Caldas está também uma outra peça, *O Retábulo das Maravilhas*, de Miguel de Cervantes (1615). Narra a história de dois saltimbancos que apresentam um espetáculo em que nada acontece, mas em que todos fingem ver o que lhe está a ser descrito. Foi o ponto de partida para abordar o tema do teatro como uma arte que demonstra algo que não é real. “Estes saltimbancos, na peça do Cervantes, dizem que o espetáculo que trazem à aldeia só pode ser visto pelas pessoas virtuosas e que as que estão em falha moral não conseguem ver. Como ninguém quer admitir que não vê, todos fingem”, explica o dramaturgo.

Por outro lado, diz Castro Caldas, *Retábulo* pode também ser vista como uma derivação da história de *O Rei Vai Nu*, de Hans Christian Andersen, em que o rei, vestido de vestes imaginárias, é aplaudido pela multidão sem que ninguém se atreva dizer que este está, na verdade, despido. Nas duas referências abre-se espaço para uma reflexão sobre o vazio de um palco e sobre aquilo que os espetadores conseguem ou não ver nele. Recorda-se aqui a premissa de Peter Brook: “Uma pessoa atravessa esse espaço vazio enquanto outra pessoa a observa – e nada mais é necessário para que ocorra um ato teatral” (*O Espaço Vazio*, 1968). Neste caso, temos vários intervenientes em palco e sabemos que podemos estar perante um embuste, mas aceitamos viver a experiência.



Estelle Valente/Teatro São Luis

## Receba os alertas do Observador

Com os nossos alertas, pode seguir o seu autor, tópico ou programa favorito. Para não perder nada do que lhe interessa.

## Configurar

“É como vender a banha da cobra, que é algo que também acontece na nossa peça”, realça o dramaturgo. Não deixa de ressoar no que é o teatro: “Temos atores e atrizes, um dispositivo montado, mas todos os que assistem aceitam viver aquela experiência”, completa. Se nos debruçarmos sobre as personagens que traz para palco, vemos como em todas, algures na narrativa, existe a dúvida sobre o que viram realmente. “E, sobretudo, vemos como ainda há muita falta de coragem em se dizer realmente o que é que se pensa sobre uma coisa que se viu”, sublinha.

A peça que agora chega ao palco do São Luiz assume por isso um lado mais filosófico, mas também um lado mais prático e tangível, que ecoa na atualidade. “O retábulo é um pretexto para falar de uma ideia profundamente ligada ao teatro clássico, mas ajuda-nos a refletir sobre a vida e a nossa existência”, salienta Castro Caldas. A nossa capacidade de fazer escolhas, de ter um pensamento próprio e de manter uma visão que não se deixa influenciar pelas demais são, certamente, as muitas pedras de toque que saltam à vista na peça e que vão para lá da mesma. “Estamos sempre a jogar este jogo de possibilidades e de termos uma porta de saída para as diferentes situações”, diz o dramaturgo.

Não sendo a toca do coelho de *Alice no País das Maravilhas* ou um portal de multiverso, no qual podemos (re)experienciar a mesma vida em diferentes versões, o *Retábulo* de Miguel Castro Caldas oferece-nos, no entanto, uma possibilidade de reflexão mais ascética sobre o que é a sociedade do espetáculo aos nossos olhos. E, no fim, podemos não ter a certeza do que vimos, ou se vimos realmente tudo o que os outros virão, mas não deixamos de perceber que existem sempre diferentes formas de olhar.

Assine o Observador a partir de 0,18€/ dia

Não é só para chegar ao fim deste artigo:

- Leitura sem limites, em qualquer dispositivo
- Menos publicidade
- Desconto na Academia Observador
- Desconto na revista best-of
- Newsletter exclusiva
- Conversas com jornalistas exclusivas
- Oferta de artigos
- Participação nos comentários

Apoie agora o jornalismo independente

[Ver oferta](#)

Oferta limitada

0,18€ por dia  

[Apoio ao cliente](#) | Já é assinante? [Inicie sessão](#)

# Império dos Sentidos

---

 [rtp.pt/play/p2378/e754479/imperio-dos-sentidos](https://rtp.pt/play/p2378/e754479/imperio-dos-sentidos)



00:12/2:57:10

Miguel Castro Caldas: Teatro São Luiz, "Retábulo", direção e texto de Miguel Castro Caldas, com Américo Silva, Mónica Garnel, Pedro Gil, Raquel Castro, de 13 a 24 de março.

[controlo parental inativo](#)

## 2080 episódios disponíveis

---

[13 mar. 2024 Ep. 53](#)

[Império dos Sentidos](#)

[Miguel Castro Caldas: Teatro São Luiz, "Retábulo", direção e texto de Miguel Castro Caldas, com Américo Silva, Mónica Garnel, Pedro Gil, Raquel Castro, de 13 a 24 de março.](#)